

Revista Veja e Fernando Collor: o espetáculo na política brasileira (1988-1992)

Anderson dos Santos*

Resumo: O período que vai de 1988 a 1992, ficou marcado no Brasil, sobretudo, pela densidade política, pois neste intervalo ocorreram eleições diretas para a presidência da República (1989), o que não acontecia desde 1960, e a derrubada do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, através de um processo de *impeachment* (1992), fato inédito na história do país. Constatando que a imprensa teve um papel destacado durante esses dois processos, decidimos realizar uma análise sobre como a revista Veja, um periódico de circulação nacional, posicionou-se em relação a Fernando Collor neste intervalo de tempo. Pretendemos analisar quais os mecanismos utilizados pela Revista Veja para ajudar a alavancar um personagem político (Collor), ao posto número um da política brasileira no ano de 1989, auxiliando-o a manter-se em tal posto por um determinado tempo e fornecendo importantes subsídios a sua queda algum tempo depois (1992).

Palavras-chave: Era Collor, história e imprensa, Revista Veja e Fernando Collor.

Abstract : The period comprised between 1988 and 1992, was marked in Brazil, mainly, by politic density, because in this moment happened direct elections to the Republic president (1989), that not happen since 1960, and the downfall of the elect president, Fernando Collor de Mello, through a "impeachment" process (1992), inedited fact in country's history. Verifying that the media had a prominence participation during this two processes, we decided to do a study about how Veja's Magazine, a national's circulation periodic, to postured itself in relation at Fernando Collor in that period. In this sense, we intend study what the mechanisms used by Veja's magazine in order to help the increasement a politician figure (Collor), at the number one place of brazilian politics in 1989, helping him as a way to keep this place and supplying importants subsidies witch contribute to his lost of power, some time after that (1992).

Keywords: Collor's Age, history and media, Veja's Magazine and Fernando Collor.

Imprensa e história do tempo presente

Pesquisar o que convencionamos chamar de "Era Collor", isto é, o período compreendido entre 1988 e 1992 no Brasil, significa adentrar em um recorte temporal que está inserido no que se denominou "história do presente". Investigar historicamente um período recente como esse, é debater-se com uma série de questões que pressupõem algumas dificuldades e cuidados específicos dentre os quais procuraremos identificar alguns mais significativos.

* Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa "Cultura e Poder". Bolsista CAPES.

A esse respeito, em primeiro lugar será necessário afirmar (ou reafirmar, já que muitos outros o fizeram, sobretudo, a partir da década de 1980), que história do presente é sim história, ainda que uma história delicada para se construir e analisar, já que um dos primeiros obstáculos que se colocam refere-se a um dos pilares da análise histórica, a metodologia (BERNSTEIN; MILZA, 1999: 130). Especificamente em relação à história do presente, ela ainda está em processo de construção, o que não é nada alentador ao pesquisador dedicado a recortes temporais aí inseridos. Não obstante, o historiador do presente debater-se-á com dificuldades epistemológicas, sobretudo, na atualidade em que se vive a chamada "crise dos paradigmas".

Numa tentativa de propor uma percepção renovada a respeito da "história do presente", Agnès Chauveau e Philippe Tétard reuniram alguns dos mais renomados historiadores na atualidade e formularam-lhes algumas questões concernentes ao assunto. Os resultados das elucubrações foram organizados num livro, pequeno, porém muito elucidativo (CHAUVEAU; TÉTARD, 1999). A mais importante constatação que se obteve, foi a de que a despeito das críticas preconceituosas associadas às dificuldades inerentes à incipiência dessa nova tendência historiográfica (inclusive vista por muitos como modismo), a história do presente é tanto legítima quanto necessária. Legítima na medida em que seus objetivos, seus métodos e suas fontes não diferem em nada da "história do passado" (século XIX para trás). Necessária porque é a própria sociedade que estimula o historiador a lançar seu olhar sobre ela (RIOUX, 1999: 39). Na mesma medida, a imprensa e a comunicação de massa em geral impõem a necessidade do estudo da "história imediata" (NAPOLITANO, 2002: 145). Além disso, é inegável a contribuição da história do presente, que coloca questões, segundo Jean-Pierre Rioux, "bastante temerárias à disciplina histórica inteira" (RIOUX, op. cit.: 7). Para Rioux a história do presente pode ajudar a distinguir de forma mais útil do que nunca o que é verdadeiro do que é falso. E mais, a história do presente não tende a evitar a verdade psicológica da intenção, bem como a força da questão da memória a respeito do curso do tempo. Ela é, na maioria das vezes, feita com testemunhas vivas, de maneira que unifica e torna global, sob o enfoque das representações tanto quanto das próprias ações, o que a torna de cabal importância (RIOUX, op. cit.: 49-50).

Contudo, o historiador do presente e também do imediato, precisa ter grande cautela para não se arriscar em prejudicar o futuro, e sim limitar-se a tomar a história como ela é, haja vista, que não dispõe da mesma ferramenta de que dispõe o historiador "clássico", isto é, o conhecimento da seqüência numa duração bastante longa (BECKER, 1999: 68).

Dentre todas, talvez a primeira dificuldade com a qual o historiador do presente irá se deparar seja com relação às fontes. Escrever uma história do tempo presente é depender em grande parte da imprensa diária ou periódica (como é o nosso caso, já que utilizaremos para a análise o período acima citado, uma revista ilustrada brasileira que é publicada semanalmente, a *Veja*) (HOBSBAWM, 2003: 9). O professor Marcos Napolitano ressaltou em seu livro "Cultura e Poder no Brasil Contemporâneo", que o historiador tem um grande desafio quando decide realizar uma investigação desse gênero, história imediata, utilizando-se para tanto de fontes advindas da imprensa.

Portanto, o historiador do "evento" político deve tomar inúmeros cuidados, sobretudo, ao utilizar-se de fontes jornalísticas. Por muito tempo acreditou-se que tudo o que se imprimia era a própria verdade, entretanto, grande parte das teorias mais recentes a respeito do jornalismo em geral, alertam que a produção jornalística não reflete a realidade, mas que é apenas uma parte ou uma versão da mesma, isto é, uma representação da verdade.

Vários aspectos estão inseridos num produto jornalístico, como a orientação ideológica dos proprietários de um determinado periódico, a espécie das notícias veiculadas, os aspectos subjetivos inerentes aos indivíduos, bem como a opinião do público consumidor em relação às notícias e às opiniões emitidas pelo periódico (HENN, 1996: 68).

Esta última questão é de suma importância, haja vista, que existe a necessidade de se propiciar uma satisfação, ainda que minimamente, ao espectador ou consumidor da reportagem. Se o leitor discordar totalmente da maneira como determinado evento foi abordado, pode ser levado a desqualificar o meio que está lendo, criando dessa forma uma barreira psicológica para com aquele meio de comunicação (WOLF, 2001: 40).

A cada dia mais pessoas consomem notícias e concomitantemente tornam-se mais exigentes quanto à verdade, autenticidade e honestidade dos meios jornalísticos. De sua parte, jornais, revistas, emissoras de rádio e de televisão tendem a satisfazer tais expectativas, procurando aproximar-se o máximo da imparcialidade, da independência e da reprodução mais fiel dos fatos.

A atividade jornalística, portanto, parte do pressuposto de que há o consumo das informações, as quais são produzidas tendo-se também em mente que serão recebidas e lidas por um grupo específico (FRANÇA, 1998: 41). Nesse ínterim, é de primordial importância o público ao qual é direcionada determinada produção jornalística, pois se o público que se quer atingir é de mais baixa renda e de nível educacional (educação formal) mais reduzido, o discurso bem como o tipo de notícias que serão veiculadas assumirão um determinado

aspecto. A preferência por camadas específicas que compõem o leitorado constitui-se num fator determinante da identidade de uma determinada empresa da imprensa.

Cabe, então, ressaltar, que apesar do caráter mercadológico e das vontades ideológicas dos proprietários de um determinado meio de comunicação, a notícia possui um aspecto social, o qual é compreendido como a relação entre o produtor de notícias e os consumidores. Estes não devem ser considerados massas passivas, aceitando todas as notícias e opiniões emitidas por um periódico, ou outro meio de comunicação (WOLF, op. cit.: 41).

Por outro lado, apropriando-nos da visão dos frankfurtianos, e retornando à questão do jornalismo como representação da verdade, compreende-se que a imprensa não se restringe ao registro imparcial e neutro dos acontecimentos. O discurso praticado pela imprensa está carregado de representação simbólica e ainda que um determinado periódico capte os interesses do leitor e respeite as regras de plausibilidade, pode "criar o fato" (NAPOLITANO, op. cit.: 147). Dessa forma, a imprensa passa a ser vista como uma ferramenta de poder, a qual não só influencia na formação da opinião de seu público de leitores, como participa indireta e até diretamente do processo decisório de uma nação, isto dependendo apenas do prisma que tal participação for observada.

Revista Veja e Fernando Collor: ligações colloridas e descolloridas

Decidimos assim, pesquisar sobre o período que vai de 1988 a 1992, o qual ficou marcado no Brasil, sobretudo, pela densidade política, pois neste intervalo ocorreram eleições diretas para a presidência da República (1989), o que não acontecia desde 1960, e a derrubada do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, através de um processo de *impeachment* (1992), fato inédito na história do país. Constatando que a imprensa teve um papel destacado durante esses dois processos, decidimos realizar uma análise sobre como a revista Veja, um periódico de circulação nacional, posicionou-se em relação a Fernando Collor neste intervalo de tempo.

Os primeiros resultados da pesquisa, em que foram estudadas 39 capas, pudemos observar que a revista Veja atuou politicamente em relação a Fernando Collor no período que vai de 1988 a 1992, posicionando-se favoravelmente em relação ao mesmo durante a campanha à presidência da República, entre março de 1988 e dezembro de 1989, tendo esse posicionamento oscilado entre favorável e desfavorável durante o governo, entre janeiro de 1990 e março de 1992, e finalmente, posicionando-se exacerbada e desfavoravelmente no processo que levou à queda do presidente, entre abril e dezembro de 1992.

Se relacionarmos tal posicionamento aos fatos históricos, a conclusão que se pode tirar é a de que o periódico obteve êxito em seu empreendimento, haja vista, que Collor foi eleito presidente da República em 1989 e sofreu o *impeachment*, ou seja, teve seu mandato cassado em 1992. Entretanto, não queremos discutir o grau de participação do periódico nos eventos, ou seja, se sua participação foi decisiva ou não no processo, ainda que a compreendamos pelo último viés. Para uma análise dessa profundidade, precisaríamos levar em consideração a recepção das mensagens emitidas pelo periódico por seu público leitor contrapondo-a aos resultados concretos dessa relação.

Mas essa não se constitui em nossa proposta. Pretendemos sim, enfatizar a relação imprensa/poder político pelo viés do "imaginário", ainda que restrito à emissão das notícias. Nessa direção, pretendemos analisar quais os mecanismos utilizados pela Revista Veja para **ajudar** a alavancar um personagem político (Collor), ao posto número um da política brasileira no ano de 1989, auxiliando-o a manter-se em tal posto por um determinado tempo e fornecendo importantes subsídios a sua queda algum tempo depois (1992).

Aliando a Análise do discurso aos estudos referentes ao "imaginário", procuraremos nos aprofundar na análise das revistas objetivando identificar o capital simbólico aí contido, buscando explicitar métodos e mecanismos utilizados pelo periódico para realizar seu posicionamento político buscando influenciar, através de seus produtos jornalísticos, a massa de leitores, isto é, na formação da "opinião pública".

Objetiva-se demonstrar, através da pesquisa proposta, que os meios de comunicação participam ativamente da política brasileira, alertando para os mecanismos utilizados na manipulação das imagens, bem como das idéias, referentes ao jogo de poder estabelecido durante o que convencionamos chamar de "Era Collor" (1988-1992). Nesse recorte temporal, a espetaculização ou teatralização da política brasileira, atinge o paroxismo, de maneira que os *media* assumem um posto peremptório quanto ao desenlace dos acontecimentos daquele período.

A revista Veja, periódico a ser analisado, teve uma participação importante em todo o processo que alavancou e derrubou Collor do posto número um da política brasileira. Apesar de não atingir grande parte da população brasileira, principalmente quando comparada aos meios de comunicação de massa, como o rádio e a televisão, Veja constitui-se na maior

revista do país e uma das maiores do mundo.¹ Com uma tiragem de cerca de 1 milhão de cópias semanais, o periódico teve um papel preponderante, tanto durante o processo eleitoral, que elevou Fernando Collor à condição de presidente da República, como no processo que o destituiu do poder.

No primeiro momento (mar/1988-dez/1989), a revista engajou-se sutilmente na campanha de Collor, enaltecendo seus atributos pessoais em detrimento de seus concorrentes. Veja foi fundamental na disseminação do medo entre a classe média (público ao qual se direciona), sobretudo durante o segundo turno das eleições, das idéias socialistas que permeavam o PT, contribuindo, portanto, para a subida de Collor ao poder em detrimento dos candidatos de esquerda.

No segundo momento (jan/1990-mar/1992), o periódico encabeçou às denúncias contra o presidente, tendo sido precursor das decisivas entrevistas com o irmão do mesmo, Pedro Collor, e dando ampla cobertura ao que se convencionou chamar "caso PC/Collor".

Também identificamos um período intermediário, localizado entre janeiro de 1990 e março de 1992, em que tal posicionamento oscilou entre favorável e desfavorável. Diante de tais constatações, pode-se levantar algumas considerações a respeito da imprensa no Brasil, e sua relação com o círculo do poder político, bem como com a população brasileira.

Em primeiro lugar, pretende-se chamar a atenção para o fato de que as notícias e informações em geral, veiculadas pelos mais variados meios de comunicação, não são a verdade, mas apenas uma representação da mesma. A notícia, essência da atividade jornalística, pode ser manipulada (e é), na direção dos interesses privados dos veículos de comunicação, inclusive os que representam a imprensa escrita e periódica, como o periódico aqui analisado. Nessa direção, todos aqueles que consomem o produto da atividade jornalística devem desenvolver uma consciência crítica para que se possa avaliar corretamente as reais motivações que levaram à veiculação de tal produto. Entre esses consumidores certamente estão os historiadores, que primordialmente devem ter essa noção crítica, já que encontram nos produtos jornalísticos importantes fontes de estudos para a escrita das mais variadas narrativas históricas.

Em segundo lugar, salientar a importância assumida pela imprensa na vida social e política do Brasil, já que um dos aspectos mais destacados nesta pesquisa é o poder de

1. A revista Veja em particular é considerada, por alguns teóricos, um meio de massa, pois além do número significativo de sua tiragem semanal (cerca de 1,1 milhão de cópias), o periódico é também veiculado, ainda que de maneira resumida, em outros meios de comunicação como o rádio e a televisão.

persuasão que a imprensa possui, tanto em relação à elite mandatária, como em relação à população em geral. Pôde-se observar que a revista *Veja* posicionou-se decisivamente em relação a um personagem destacado da história recente do Brasil, de maneira que sua participação naquele contexto foi fundamental para os resultados que se obtiveram. Primeiramente a alçada de Collor ao posto número um da política brasileira, e depois a sua queda da presidência da República.

Por fim, trazer à tona uma questão extremamente atual no contexto brasileiro, o aumento da corrupção e da criminalidade tão propaladas pela mídia. Fatos marcantes como o *impeachment* de Collor em 1992, apesar de suas especificidades, surgem muitas vezes como necessários para reformas mais amplas dentro de uma sociedade.

Referências bibliográficas:

- ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi. vol. 5. **Antropos-homem**. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda. (SD).
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.
- BALANDIER, Georges. **O poder em cena: pensamento político**. Trad. Luiz tupy Caldas de Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Arautos do liberalismo**. [S.L.]: Brasiliense, 19_.
- CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DIMENSTEIN, Gilberto. As armadilhas do poder. In: DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus editorial, 1990.
- DOWNES, Richard; ROSENN, Keith S. (orgs). **Corrupção e reforma política no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. Do jornalismo literário aos meios de comunicação de massa. In: Ciro Marcondes Filho (org). **Imprensa e capitalismo**. São Paulo: Kairós Livraria Editora Ltda, 1984.
- HENN, Ronaldo. **Pauta e notícia**. Canoas: Ulbra, 1996.

- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- LAMOUNIER, Bolívar. (org.). **De Geisel a Collor: o balanço da transição**. São Paulo: Idesp, 1990.
- LE GOFF, J. **Et al. In: CHAUVEAU, Agnes; TÉTARD, Philippe. (org). Questões para a história do presente**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.
- NAPOLITANO, Marcos. **Cultura e poder no Brasil Contemporâneo**. Curitiba: Juruá, 2002.
- PINTO, José Nêumane. **A República na Lama: uma tragédia brasileira**. São Paulo: Geração Editorial, 1992.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em direção ao Século XXI. **In: LINHARES, Maria Yedda. (org). História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STEPAN, Alfred. (org). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- VEJA. **Pedro Collor conta tudo**. São Paulo: Editora Abril, 27 de maio de 1992. nº 1.236.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.